



**ARQUIVIVÊNCIA NOS ENTRE-LUGARES DA CRÍTICA LITERÁRIA:
Silviano Santiago hoje**

**ARCHIVIVENCIA EN LOS ENTRE-LUGARES DE LA CRÍTICA LITERARIA:
Silviano Santiago hoy**

**ARCHIVALIFE IN BETWEEN-PLACES OF LITERARY CRITICISM:
Silviano Santiago today**

Fábio do Vale¹ & Edgar César Nolasco²

Resumo: A literatura brasileira e o divisor de águas: Silviano Santiago. Este artigo – descolonial de alma e teorizações práticas – sugere uma virada de página após passos paulatinos nos entre-lugares do referido autor. Para além das discussões e atravessamentos críticos, assim como Alfredo Bosi e Antonio Candido têm seus lugares na mística crítica literária brasileira, presto-me para apresentar à sociedade latino-americana o conceito da *arquivivência* que – por mim estabelecido – salpica os anseios dos arquivos de Jacques Derrida e as *experivivências* de Marcos

¹ Graduado em Letras e Pedagogia é Doutor pela UFMS e Pós-doutorando pela mesma instituição. É professor e coordenador acadêmico da Faculdade Insted. Membro dos Grupos de Pesquisa NECC/UFMS e NAV(r)E/UEMS. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-8713-309X> Email: professorfabioletras@gmail.com

² Graduado em Letras e Doutor pela UFMG e Pós-doutor pela UFRJ. É professor e escritor, docente titular da UFMS em que preside e coordena o NECC – Núcleo de Estudos Culturais Comparados. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8180-585X>. Email: ecnolasco@uol.com.br

Antônio Bessa-Oliveira, assim e por esta (des)razão, conceituo aliançando os vocábulos: *arquivo* e *experivivências* dos autores supracitados para sugerir à crítica literária a prática da *arquivivência* que pude descobrir ao me aproximar e me deixar ser tocado pela verve contribuinte de Silviano Santiago. Destaco neste artigo epistêmico e não hegemônico, que só pude propositar esse conceito por saber que enuncio com e a partir da crítica biográfica fronteiriça.

Palavras-chave: Silviano Santiago; Arquivivência; Crítica Literária.

Resumen: La literatura brasileña y el separador de aguas: Silviano Santiago. Este artículo, – decolonial de alma y teorizaciones prácticas – sugiere un cambio de página después de los pasos graduales por los entre-lugares. Además de las discusiones críticas, así como Alfredo Bosi y Antonio Cándido tienen su lugar en la mística crítica literaria brasileña, me dispongo a presentar a la sociedad latinoamericana el concepto de *archivivencia* que – establecido por mí, salpica las angustias de los archivos de Jacques Derrida y las experiencias de Marcos Antônio Bessa-Oliveira, así y por esta (des)razón, conceptualizo combinar las palabras: *archivo* y *experivivencias* de los autores citados para sugerir a la crítica literaria la práctica de *archivivencia* que pude descubrir acercándome y dejándome tocar por el brío contribuyente de Silviano Santiago. Resalto en este artículo epistémico y no hegemónico, que sólo pude proponer este concepto por saber que enuncio con y desde la crítica biográfica fronteriza.

212

Palabras clave: Silviano Santiago; Archivivencia; Crítica literaria.

Abstract: Brazilian literature and the writer waters divider: Silviano Santiago. This article – decolonial of soul and practical theorizations – suggests a turning of the page after the author's gradual steps in between-places. In addition to the discussions and critical crossings, just as Alfredo Bosi and Antonio Candido have their places in the mystical Brazilian literary criticism, I am ready to present to Latin American society the concept of *archivalife* that – established by me – sprinkles the anxieties of the archives of Jacques Derrida and the *experiences-on-life* of Marcos Antônio Bessa-Oliveira, thus and for this (un)reason, I conceptualize combining the words: *archive* and *experiences-on-life* of the aforementioned authors to suggest to literary criticism the practice of *archivalife* that I was able to discover by approaching and letting myself be touched by the contributing verve of Silviano Santiago. I emphasize in this epistemic and non-hegemonic article that I was only able to propose this concept because I know that I enunciate with and from the borderline biographical critique.

Keywords: Silviano Santiago; Archivalife; Literary criticism.

UM INTELLECTUAL LATINO-AMERICANO: justiça à fortuna crítica do escritor Silviano Santiago

Seja desde Antônio Candido em “Formação da literatura brasileira” (1959), passando por Roberto Schwarz em “Ao Vencedor as Batatas: Forma Literária e Processo Social nos Inícios do Romance Brasileiro” (1977) ou até mesmo chegando a Silviano Santiago com os conceitos de cópia e modelo em “Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural”, especialmente no ensaio “O entre-lugar no discurso latino-americano” de 1971. Numa perspectiva muito breve, ancorados em reflexões viageiras, europeias e estadunidenses quase sempre, se não sempre, as perspectivas crítico-comparatistas no Brasil mais fizeram ressaltar afinidades parentais com/em nossas produções “entre artes” daqui filiadas àquelas.

BESSA-OLIVEIRA. Os estudos comparativos não são pensamento descolonizado, p. 53.

Abro um parêntese aqui para inserir o intelectual crítico e escritor brasileiro Silviano Santiago, por entender que ele, por meio de sua crítica e de sua ficção, ao invés de endossar o arquivo ocidental moderno, propõe a abertura de um arquivo outro que consigna sujeitos, narrativas e memórias que se encontram na exterioridade do arquivo da tradição moderna.

NOLASCO. Fronteira-Sul, p. 03.

Por melhor discernir, Santiago trabalha o pensamento próprio que aqui compreendemos como o manejo de liberdade crítica e seus arranjos estético-textuais, logo, a sua criticidade enunciativa. Em indubitável anuência concordo com Silviano Santiago quando se refere que devemos desconstruir a metodologia de leitura dominante na literatura comparada. A crítica literária contemporânea brasileira requer essa aplicabilidade do bom gestor-crítico como Silviano executa. Não é de hoje que pensar o comparatismo parece ser tarefa fácil.

VALE. *A literatura comparada no Brasil hoje*, p. 503.

A literatura brasileira – de vastidão incomensurável no mundo – tem estado nos holofotes da comunidade cultural e acadêmica cada vez com maior assiduidade na América Latina (BESSA-OLIVEIRA, 2021, p. 59). Tenho dito isso e ao passo que me toca enquanto professor e pesquisador brasileiro, reitero que a resposta para esse movimento se dá por estar imbricada na força que os críticos brasileiros têm conseguido angariar nos corredores latino-americanos. Devo ainda destacar que não posso hesitar em dizer que esse frutífero resultado tem sido despencado homeopaticamente em nossa contemporaneidade, pois, tem-

se cumprido ritos que antes não nos fora creditado, e por essa (des)razão e (des)comparação o produto crítico brasileiro tem entoado cânticos com verves das nossas brasilidades o que nos provoca a (des)pensar o bolo-comparativo para tensões, ou melhor, teorizações desnudadas de moldes e doutrinações. É por esses entre-lugares que o intelectual Silviano Santiago tem transitado.

No resumo deste trabalho menciono dois valorosos críticos brasileiros, mas já no início desta apreciação (des)comparo Silviano Santiago por desprender o referido intelectual brasileiro para apresentar a nova página da fortuna crítica latino-americana circunscrita pelo imortal da Academia Mineira de Letras, casa que cumpriu o valoroso papel selando a imortalidade do ensaísta brasileiro que já era tão cara e entendida por bons críticos no meio acadêmico-universitário. Por esse viés, cheguei à concepção do conceito da *arquivivência* que discernirei neste diálogo. Pude auferir, sentir e propor esse conceito à comunidade acadêmica para e pelo fato visceral de Silviano Santigado inscrevendo seu corpo nesse eixo-crítico decidir – sinestesticamente – visitar e sacudir suas memórias. Diante disso e com isso, revistei a proposta de Jacques Derrida e o conceito de *arquivo*. Essa tensão, o que prefiro chamar de prática de teorização, me aliançou ao voto tensionado pelo também intelectual Marcos Antônio Bessa-Oliveira, autor para quem chamo neste diálogo também, com disposição de se valorar o conceito da *experivivência*.

214

Notem que a proposta deste trabalho – dialogal por excelência – traz um conclave latino-americano à biografia, e por mais sensato dizer, à grafia-de-vida (VALE; NOLASCO, 2022, p. 508) de Silviano Santiago. A memória inserida e (re)visitada por Santiago em sua crítica literária abriu as portas para que o meu eu-epistêmico pudesse perceber, após prefigurar esse desenho-sinestésico em meu olhar desviante (à prática opressora incessantes de um patriarcalismo e outros ismos como o sufocante capitalismo de farsas meritocratas, ranço para a última)³ que valora o brindar do *arquivo* em memória consciente para e com essas memórias saltarem muralhas construídas com tijolos modernos de muros com chapiscos de mãos subalternas. Vislumbro e busco enaltecer a logística laboral de Silviano que vive com memórias (des)futurando o agora com sua inscrição notória

³ Devo conscientemente destacar que a página nova para a fortuna crítica produzida pelo intelectual Silviano Santiago, por mais que tenha transitado por rios modernos, não têm esses como seu ponto de partida, por isso fisgo este destaque para não fugir da prática aquilo que discurso.

ao tecer prelos e bordas para uma literatura criticamente cartesiana, sobretudo, no Brasil.

A confluência com o conceito do professor Marcos Antônio Bessa-Oliveira, *experivivência*, escritor também mineiro, fez-me pensar na (des)comparação que me ativa e me lança para as visadas que tenho discernido também como escritor de literatura. Quando lancei o meu primeiro romance, intitulado *O Refém do Abandono* (2017), transitei pela ficção histórica, e precisei, assim como passeia Silviano Santiago, confluir vieses sociais em uma das epígrafes que registra: “*Qual a ideia por trás de um casamento da História com a Geografia realizado no altar da Literatura? Atlas das representações literárias das regiões brasileiras – IBGE*”, trago esse breve recorte para demonstrar que sendo sul-mato-grossense, e residindo no mesmo estado de nascimento até hoje (MS), abri o arquivo histórico e memorialístico da minha região, para, com a ficção brindada com a história e geográfica, dedilhadas pela literatura, pudesse contar parte da cultura de criação do meu estado ao passo que o fiz pelo salpique literário.

A fortuna crítica de Silviano Santiago qualifica essa tomada de decisão. Elegi – no referido romance – considerar *experivivências* da memória cultural de Mato Grosso do Sul aliançada à abertura de dados cuja obra – grande parte do espaço se dá no estado no Minas Gerais – para dizer, linha por linha dessa prosa, que abria os arquivos do estado do Pantanal para lançar à mesa literária os prosaicos ritmos que melhor me aprouveram narrar. Considerando, portanto, a *grafia-de-vida* de Mato Grosso do Sul, *grosso modo*, aqui deleitada, com a história de sua criação, logo, visualizo e promovo o conceito da *arquivivência* novel em publicações, chega, a partir da minha bancada de pesquisa, espaço que me inscrevi perpetuando raízes, quando me refiro ao NECC – Núcleo de Estudos Culturais Comparados da UFMS, presidido pelo colega deste diálogo, e amigo-de-afetos descoloniais, Edgar César Nolasco.

Busco com essas justificativas – sem ao menos me preocupar em fazê-las – que literatura comparada hoje, já percebida e assistida pela partícipe ABRALIC – Associação Brasileira de Literatura Comparada, a qual fazemos parte (Edgar César Nolasco) e eu, compromete-se com a visada (des)comparatista, ou seja, como *necense*⁴ e inscrito pesquisador a partir e com o núcleo de pesquisa

⁴ Adjetivo proferido aos membros do NECC – Núcleo de Estudos Culturais Comparados da UFMS.

supracitado, vejo, intenciono e decodifico, que basta transitar pela crítica comparatista biográfica fronteira fomentada e erigida por Edgar Cézár Nolasco que descolonialmente perceber-se-á toda a intelectualidade de Silviano Santiago que mescla *arquivo*, suas *grafias-de-vida*, e diversas *experivivências* dos mais de 80 anos de idade para compor sua crítica literária brasileira, logo, ao pensar todos esses atravessamentos, releio em Derrida, abarcando as *experivivências* de Bessa-Oliveira, reconhecendo minha crítica biográfica fronteira corroborando assim para a proposta da *arquivivência* que busca sugerir como primeira e boa definição, a prática da crítica literária que, assim com Silviano Santiago, considera *corpus*, lugares (*loci*), vidas (*bios*) e voz, privilegiando arquivos e memórias exumadas com afeto para – ao toque das *experivivências* – tecer qualquer criticidade.

Seguindo neste artigo epistêmico e de exercício descolonial, pude pensar a fusão dos conceitos de: *arquivo* (Jacques Derrida) e *experivivência* (Marcos Antônio Bessa-Oliveira) por correspondência dialógica que eu e Nolasco fazemos com essa valorosa decisão de representar, a partir da bancada laboratorial que pesquisamos, quando ainda me refiro ao NECC/UFMS, que a *arquivivência* muito embora seja um conceito acadêmico, demonstra que a cultura, a crítica e a literatura, são por nós, também escritores, também sul-mato-grossense e também de confluência teórico-laboral, que o exercício da crítica comparatista biográfica fronteira, quando discernida com o corpo e labuta investigativos, passam a apresentar respostas e, assistida(mente) digo, caminhos para que as respostas qualitativas reais nos sejam ofertadas após empenho desmedido para com aquilo versado em criticidade cultural, epistêmica e literária.

Portanto neste intróito, destacamos Silviano Santigado, imortal de vez e voz, como um intelectual latino-americano em consonância com a valia de se reconhecer nele e com ele a sua responsiva fortuna crítica que emergo para destacar que foi possível perceber, a partir e com o laboratorial espaço acadêmico-contemporâneo que participo, NECC/UFMS, a presteza do núcleo de estudos culturais que nos leva à *arquivivência*.

LITERATURA COMPARADA CONTEMPORÂNEA: pela voz e vez do intelectual brasileiro Silviano Santiago

A *experivivência* é sobre ter experiência e poder contar as pessoas como foi ter vivido aquele tal assunto, ou por ter passado por alguma

coisa, sempre passamos por experiências semelhantes aos dos outros e com ela podemos partilhar e dizer como passamos por tal situação.

BESSA-OLIVEIRA. Os estudos comparativos não são pensamento descolonizado, 2021, p. 63.

Reconheço que, apesar de partir aqui de Derrida, sua discussão parece não encampar esse conceito de arquivo da exterioridade que busco, por tratar-se de um arquivo descolonial, fronteiroço, ex-cêntrico, enquanto seu conceito de arquivo padece de um mal de arquivo radical e moderno. Todavia reconheço também que a exterioridade da qual fala o filósofo pode ser o ponto de partida para a discussão que busco.

NOLASCO. Fronteira-Sul, 2019, p. 03.

Em um dos seus últimos trabalhos de 2021, o intelectual, professor escritor e pesquisador Marcos Antônio Bessa-Oliveira, interagiu conosco por meio do artigo: **“Os estudos comparativos não são pensamento descolonizado: arte, cultura e produção de conhecimentos biogeográficos fronteiroços”**, publicado internacionalmente pela Revista Paraguaia *ÑEMITÿRÁ – Revista Multilingüe de Lengua, Sociedad y Educación* através da *UNA - Universidad Nacional de Asunción*, demonstrando total apreciação de como a literatura comparada, ou por melhor dizer, o exercício laboral de se comparar tem sido vislumbrado na contemporaneidade. Nesse prisma dialogal, Bessa-Oliveira participou nesse artigo com uma confluência de memória, pois, não poderia deixar de forma redacional demonstrar que a discussão da crítica literária atravessa – grande parte das vezes – feridas de práticas que se replicam, sobremaneira, no exercício medicamentosas que não dão conta de enfermidades hodiernas:

Haja vista que para acessar a essas obras, na perspectiva comparatista, por muitas vezes, tinha-se que dominar línguas e as culturas de onde as grandes obras emergiam/partiam em viagens para o Brasil. Nesses tocantes, este trabalho não quer discutir os mesmos pressupostos históricos já tratados em relação aos “velhos” Estudos Comparados. Comparar diferenças entre artes, culturas e suas formas de produções de conhecimentos, por exemplo, para inferiorizá-los em relação a outrem quaisquer (BESSA-OLIVEIRA, 2021, p. 58).

E acrescenta:

Já que esse exercício metodológico desenvolvido pela grande maioria dos comparatistas serviu-nos, quando muito, para mostrar que a nossa grande maioria de obras artísticas, culturas e conhecimentos aqui produzidos não o são como tais porque não são comparáveis àqueles. Por tudo isso é que minha reflexão descolonizada está tangenciando discussões que já defendem a *desbritanização*

(Fábio do Vale), mas que também já falo em desfrancezação e a desespanholização, na mesma toada, vamos dizer assim, para poder *desteorizar* e assim *re-teorizarmos* com foco na re-existência para, por conseguinte, despertar em nós latinos a consciência de que também tempos sapiência para produzir artes, culturas e conhecimentos *a partir/da/na* fronteira das nossas interioridades das exterioridades aos projetos moderno e pós-moderno (europeu e estadunidense, respectivamente) (BESSA-OLIVEIRA, 2021, p. 58).

Silviano Santiago pode ser percebido pela literatura (des)comparada. Pensar a voz e vez do predito intelectual brasileiro é pensar a *arquivivência*. Nos recortes anteriores, Bessa-Oliveira (2021) enfatiza a questão dos “velhos” Estudos Comparados, não por veemência arcaica, mas, sobretudo, pela preocupação da forma-maneira de se trabalhar a literatura comparada que – por insistência de muitos críticos – parece ainda ser modismo e respeito cultural nada arqueável. Ora, quando decidi passar por Jacque Derrida, moderno por excelência, considere que sua criticidade, visivelmente freudiana, me levava a pensar algumas questões, porém, reconheço também que Jacques Derrida, bem como Sigmund Freud, não dão conta das demandas contemporâneas em sua integralidade, aliás, o pensamento, antes mesmo de sua conjectura, ou seja, materialização, precisa ser maturado com consciência laboral e responsiva.

Colocar, por exemplo, na bacana crítico-literária de hoje, autores como Adolfo Caminha e Monteiro Lobato com lentes contemporâneas desconsiderando a integralidade dos períodos por eles experienciados, certamente teremos outros autores conceitualmente falando, portanto, consciência temporal, das questões de vida, espaço e sociedade, é para a crítica comparatista biográfico fronteira, enaltecida pelo o meu colega Edgar César Nolasco, como uma opção, descolonial por vez, e de consciência perpétua. Silviano Santiago ao se inscrever no processo crítico e, para além dessa inscrição, vasculhar arquivos de experiências diversas, demonstra que a crítica literária brasileira em destaque das demais da nossa América Latina, insiste ainda, destoar que aparece com as práticas críticas que vem apresentando o quão é preciso (des)pensar a criticidade debruçada no exercício do bojo crítico literário brasileiro, ao promover essa prática, Silviano Santiago aplica a *arquivivência* laboral percebida quando os demais ainda insistem em tecer valores tecnicistas para com trabalhos que também expectaram proposições políticas, sociais, culturais e indispensavelmente, cívico-morais.

Muito embora a literatura como expressão de arte não tenha compromisso regulatório, porque caso tivesse seria uma expressão artística de prejulgamentos,

ela nos serve, através da arte, como ponte-salvífica quando me refiro à reposta para tudo que ainda parece ser uma possível incógnita. Pensar os entre-lugares de Silviano Santiago é lembrar que existe o lado de cá e o lado de lá. Não no aspecto limítrofe-geográfico como uma fronteira, mas na vicissitude da consciência partilhada por tudo aqui que se vive, por todos os lugares em que passamos, e por toda a responsabilidade que compartilhamos.

O conceito da *arquivivência*, portando deve aludir à prática da crítica literária que remonta o viés da grafia-de-vida já disposta pelo intelectual mineiro como podemos ver a seguir em outro trabalho que já publicamos:

O funcionamento da literatura comparada no Brasil hoje é deveras frívolo. Muito se aplica das teorias estadunidenses e europeias – majoritariamente – quando por ora buscamos teorizações e não trabalhar com teorias inflexíveis. Assim como Silviano Santiago propõe pensarmos as grafias-de-vida propomos que as práticas teóricas sejam (des)britanizadas pelo responsivo toque de se trabalhar na prática literária a fuga do dependentismo teórico para práticas de teorizações, ou seja, a funcionalidade de se trabalhar com conceitos contemporâneos que deem conta das problemáticas também contemporâneas (VALE; NOLASCO, 2022, p. 518).

Silviano Santiago proposita o conceito da grafia-de-vida destoando do vasculhar típico da biografia e isso se dá pela (des)metrificação de práticas não modernas. Pode-se, por exemplo, com a nova prática conceitual, identificar o desejoso movimento contemporâneo do imortal da academia de letras e da crítica brasileira de romper com a teorização que não considera a vida como partícipe do processo, logo, ao conseguir a escrita da vida (grafia-de-vida) Silviano Santigado deixa claro não por discurso, mas pela operacionalização de o fazer crítico não pode partir do viés colonial, mas de outra face própria, ou seja, descolonial, pois pensamos o sujeito e seus *corpus* e *loci* para além da temática, mas o que levou, serviu, resultou tais acontecimentos. Assim e por isso mesmo a crítica literária contemporânea do autor que dialogamos neste trabalho foge do convencional cumprindo o papel lícito: pensar a crítica brasileira com uma docilidade de atravessamentos e vida integral nesse processo.

Temos dialogado como a crítica literária brasileira – através do intelectual Silviano Santiago – deve se comprometer para que resultados ainda não atingidos sejam conquistados, nesse processo, nada temos de pretensão em ensinar como fazer ou muito menos doutrinar práticas. Sabemos, portanto, conscientemente que com as ações, sendo as mesmas na forma-maneira de agir criticamente, jamais sairemos dos resultados frívolos já angariados pela crítica moderna que tenta,

insiste e qualificar a América Latina como periferia do mundo sem contribuição cultural. Nada de problemas vemos em pertencermos ao Terceiro Mundo tracejado pela força hegemônica que tenta ser dominante, contudo, se buscamos, como Silviano Santiago faz, as práticas pelas nossas *arquivivências* teremos não apenas um rito diferente por considerar espaço e vida, mas ajustaremos classificativas que ainda nos marcam colonialmente predispondo feridas que não foram cicatrizadas e que ardem diariamente.

Na qualidade intelectual como grande crítico literário pelo viés do ensaio, Silviano Santiago passou – de maneira monumental – a contribuir para rito comparatista desviante, considerando, por exemplo, elementos essencialmente culturais enquanto na história moderna, muito se fez minimante comparando narratológicas com bem fez o francês Gérard Genette e estadunidense Norman Friedman. A crítica literária contemporânea está para além do comparatismo técnico. Vemos aqui, então, que o *modus operandi* eleito e por nós acompanhado da não-hermenêutica demonstra que a ideia do arquivo, mesmo que de forma oriunda de sola moderna, conseguiu nos levar à consciência da *arquivivência* no preciso sentido da face sinestésica corroborando, por sua vez, ao enaltecimento de Silviano Santiago para práticas que nos circundam, bem como, nos reúne.

220

A *arquivivência* nessa esteira reduz – ao passo que objetiva – a proposta do valor de arquivo com a nossa *experivivências* confluindo para o que estamos dialogando: a consciência de uma crítica literária não hegemônica que parte das bordas que nos acolhe de histórias que nos colonizaram e mesmos sofridos, saímos fortalecidos. Utilizo essa fenda para dizer que o sair, verbo disposto aqui, não significa ter esquecido, porém, assumimos a eficácia de que a literatura comparatista contemporânea nos deixa perceber, descolonialmente, que Silviano Santiago foge no rito-comum por utilizar a cultura como ferramenta comparatista nos dando e nos permitindo pensar e interpretar distinta(mente):

Se coube tão somente aos guardiões do saber moderno interpretar o arquivo (pensamento) moderno, reafirmo eu agora que cabe aos sujeitos excluídos o direito epistêmico de interpretar o arquivo da exterioridade, uma vez que este sujeito provocou uma desobediência epistêmica e assumiu uma opção descolonial criando, por conseguinte, uma epistemologia fronteiriça cuja única perspectiva é a que permite olhar de-dentro de tal arquivo. Aliás, e não por acaso, lemos em Mignolo que é do “habitar a exterioridade que surge a epistemologia como método de pensar descolonial” (MIGNOLO, 2010, p. 44).⁶ Nessa direção, entendo que a ideia de “anamnese autobiográfica” (DERRIDA, 2001, p. 20) discutida por Derrida a partir

de Freud pode me ajudar a pensar a condição do sujeito fronteiro e do arquivo da exterioridade (NOLASCO, 2019, p. 05).

Endossando ainda:

Vejam que o autor está dizendo que por meio da teorização podemos pensar numa autonomia e libertação das memórias das narrativas (como as de Silviano Santiago) e dos sujeitos da exterioridade, teorização esta que pode ser correlata a uma prática de desarquivamento crítico. No bojo da discussão aqui buscada, vale a pena me deter também nos conceitos de razão subalterna e gnose liminar, ambos trabalhados pelo autor de *Histórias locais\Projetos globais* (2003) e fundamentais para a ancoragem de um discurso da exterioridade e abertura desse arquivo. Antes de tudo, talvez não seja demais lembrar que estou embasado nos postulados da Crítica biográfica fronteira que, mesmo valendo-se dos conceitos advindos da teoria pós-colonial e os da crítica biográfica, parte da premissa da reinserção do bios e do lócus no cerne de sua discussão (NOLASCO, 2019, p. 05).

A abertura – exumação – do *arquivo* sugerido por Jacques Derrida, ou por coerente dizer, o (des)arquivamento exuma vidas e corpus para com as *experivivências* auferidas por Marcos Antônio Bessa-Oliveira, demonstra que a prática crítico-literária de Silviano Santiago se confluí na *arquivivência* aqui proposta neste diálogo. Quando, portanto, o crítico literário contemporâneo, como o então intelectual mineiro cumpre, articula essa prática, temos então o que arriscamos chamar de *críticonsciente* não para forçar a ideia de que os demais não foram conscientes, mas de para se pensar o não pensado é preciso que se desnude a forma de bordas arranhadas para formatos *outros*, por excelência descolonial, e com esse partícipe exercício caminhar pela fronteira crítico-sinestésica da nossa contemporânea prática da crítica que emerge uma exumação memorialística a partir e com a exterioridade (NOLASCO, 2019, p. 08) e assim, firmar com as clarezas intelectual, cultural e epistemológica o valor real de Silviano Santiago hoje por esses entre-lugares da *arquivivência*.

Silviano Santiago, nascido na cidade de Formiga – estado de Minas Gerais – carrega em sua naturalidade as mitológicas histórias da fundação dessa pequena urbe interiorana. Neste diálogo, comparatista por excelência, bem nos apraz trazer esse tom comparação para demonstrar o valoroso instrumento crítico do autor mineiro. A cidade, nominalmente alcunha um inseto: a formiga. Esse referido inseto carrega uma hábil facilidade de lutar por um objetivo, que grande parte das vezes é defender o seu cordão, também alcunhado como formigueiro. Essa dedicação instintiva das formigas, bem como a capacidade de carregar um peso até cem vezes maior do que o próprio peso se concatenam a enérgica contribuição

de Silviano Santiago. Notemos que assim como rio da cidade, que a batizou, o Rio Formiga, carrega em suas águas a bravura se sua essência, bem como a essência se seus filhos, como o intelectual Silviano Santiago.

Precisamos destacar essa comparação, pois, a égide do *arquivo* e das *experivivências* se dá pelas origens e questões vividas. Imbricado nessa premissa do corpo, e suas experimentações ao longo da vida – bios – e do espaço – lócus que somos inseridos e, principalmente, decidimos transitar por esses entre-lugares prefigurando assim as políticas para o conceito da nossa *arquivivência* qualificado crítica e literariamente pelas contribuições aquilatadas neste diálogo crítico-sinestésico, epistêmico, latino-americano e, decididamente, descolonial.

Outra vez decido trazer a apreciação do intelectual Marcos Antônio Bessa-Oliveira ainda sobre o mesmo artigo que descrevemos em que se propôs dialogar com os trabalhos que estamos (des)pensando acerca da cultura e, sobremaneira, da proposição comparada no movimento contemporâneo em que nos encontramos pós século XXI:

A experivivência, é, de acordo com a também interpretação expressa por Fábio do Vale na sua pesquisa de tese, quando sabiamente diz, extrapolando as minhas próprias esperanças em relação ao conceito, que: Ao passo desse entendimento como professor, escritor e pesquisador, desfruto que a qualquer momento posso recordar ou me ancorar no pôr do sol, mas essa visada grassa por uma questão de opção, logo, minhas experivivências paraguaias, fronteiriças ficam e são memórias, quando elejo, decido, escolho recordar, basta olhar para o **meu eu-epistemológico**, cujo retrovisor da minha biogeografia estará lá, pronto para mostrar-me o pôr do sol latino-americano que sempre me aquece epistemologicamente (p. 139, 2021, grifos meus). É evidente, portanto, que quando falo de experivivência **não** estou falando da experiência moderna – nem mesmo da benjaminiana – que ressalta o acúmulo de histórias e memórias não experimentadas no corpo dos indivíduos colonizados pelo prisma da construção dessas histórias (BESSA-OLIVEIRA, 2021, p. 63-64).

A exumação do arquivo só é possível quando esse existe. A existência do arquivo aqui prefigurado como memória – e já discernido no começo deste diálogo como algo que se difere da história – por isso a emergência da teorização de se pensar a prática de se desteorizar para re-teorizar e isso se dá, como Bessa-Oliveira endossa, quando (des)comparamos:

Quando falo em teoria epistêmica crítica é porque estou pensando nos “comparatistas” que descomparam (para não dizer que fizeram o ato de comparar tradicional) – no sentido restrito do termo – as práticas culturais descoladas das obediências epistêmicas em relação às grandes obras artísticas do mundo europeu

e/ou estadunidense. Mas, mais importante ainda, considero esta argumentação também para a percepção artístico-cultural descomparatista à tradição porque penso naquele leitor/fruidor/experivenciador da obra artístico-cultural como fundamental à sua cultura que decorre e discorre na pele. Neste caso, portanto, por isso grafo que são percepções que se dão a partir da cultura em emergência e nunca visualiza/analisa uma obra pensando na sua tratativa/narrativa dela sobre ou para ou ainda de uma determinada cultura (subalterna/subordina) que se relacionam com outras culturas (tradicional/hegemônicas) a fim de continuidades, empréstimos, apadrinhamentos ou, como pensaram muitos, de produções que ocupam lugares intervalares em relação à exclusão e aos incluídos nos sistemas homogêneos de arte, cultura e produção de conhecimentos (BESSA-OLIVEIRA, 2021, p. 64).

Nosso diálogo é franco e prático. Silviano Santiago desfila pela (des)comparação assim com o Rio Formiga corta a cidade de mesmo nome e é com isso que as brasilidades críticas passam a ganhar e estabelecer passos ainda não dados em nossa criticidade literária. A menção ao *arquivo*, *experivivência*, e a exumação dessa crítica literária com sinestésica face-laboral brinda o que propomos como sugestão conceitual a *arquivivência*. Ainda pela fuga às práticas hegemônicas, estudar a literatura comparada, responsiva(mente) como tem feito a ABRALIC – Associação Brasileira de Literatura Comparada, é um desafio, pois não estamos pronto para (des)comparar, mas acionar polos, corpos e feridas que precisam passar por situacionais críticos *outros*, ou seja, descoloniais, o que por nós foi permitido e atingido pensar e conceber a partir e com a Crítica biográfica fronteira (2015), conceito de Nolasco que dialoga com essa (des)composição dos ritos postos à mesa de quem não espera a mesma refeição todos os dias.

A voz e vez de Silviano Santiago são percebidos com notoriedade, pois traz para sua criticidade a consideração da sua grafia-de-vida (VALE; NOLASCO, 2022, p. 514) perfazendo com que a sua inscrição como crítico rompa ao feitos modernos cartesianos, estagnantes e por muitas vezes, opressores. Devo ressaltar que para nós, estudiosos da literatura comparada, que não pudera ser de outra maneira que chegássemos a esse entendimento se não nos fora permitido também pensar a fronteira e – sobretudo – com a fronteira. Destaco aqui a problemática da consciência e/ou sua ausência crítica. A periferia nos beija porque nos toca diariamente. Isso no serve para bradar o ponto de partida daquilo que nos roça cujos atravessamentos são circunscritos por este solo latino-americano descolonizado por tentativas cada vez mais aparentes e consistentes como podemos notabilizar na base cultural boliviana que emplaca em seu discurso a prática descolonial:



ESTADO PLURINACIONAL DE
BOLIVIA

MINISTERIO DE CULTURAS
DESCOLONIZACIÓN Y DESPATRIARCALIZACIÓN

Fonte: <https://www.minculturas.gob.bo/>

A abertura do site do Ministério da Cultura boliviano é bastante sugestiva, pois descolonizam e despatriarcalizam através da cultura. Silviano Santiago (NOLASCO, 2019, p. 20) faz o mesmo com a cultura da crítica literária brasileira. Notemos com debruçada sensibilidade que isso tem acontecido em nosso Fronteira-Sul por – como já dissemos – enfatizarmos a necessidade de um pensamento anti-hegemônico, que para além desse pensamento, práticas fronteiriças que demonstram a decisão de ruptura com o que está posta e factível aos olhos – opressores – modernos. Nossa América Latina, Pátria Grande por excelências territorial e cultural tem demonstrado o quão salvífico e libertador como vocês enalteceu Aníbal Quijano é pensar a Colonialidade do Poder como ponto de não-replicação, mas como movimento libertador. A voz e vez de Silviano Santiago, como assinalamos neste debate convalida o pensamento periférico como praticável e necessário rito nos entre-lugares latino-americanos.

224

Noutra publicação, destacamos como Silviano Santiago passa a escrever as novas páginas da crítica literária brasileira. Nesse sentido não linear, aquecidos pelo sol da fronteira-sul, recordamos a covalência dessa premissa:

Assim como o crítico literário brasileiro Antônio Candido falecido em 2017, Silviano Santiago emplaca o seu estilo crítico-literário ensaístico da boa mesa da crítica literária brasileira. Ao trazer nova dosagem às produções de Graciliano Ramos (1892-1953) e Machado de Assis (1939-1908) Silviano Santiago propõe uma indumentária crítico-contemporânea que nos leva a perceber esses dois maviosos escritores da literatura brasileira sem um saber preestabelecido. Nessa esteira,

Silviano Santiago apresenta e aproxima esses dois autores com rupturas de posições modernas quando, por exemplo, nos sugere pensar uma grafia-de-vida neologismo que para ele faz com que (des) pensemos o plano cartesiano de uma proposta fossilizada e rotineiramente chamada de biografia. Assim conjugo: ele evita, eu evito e para uma leitura crítica comparatista biográfico-fronteriza deve-se – sensivelmente – evitar (VALE; NOLASCO, 2022, p. 507-508).

Com muita provação indagamos: Graciliano Ramos e Machado de Assis conhecidos e consagradores autores brasileiros de fato consagrados pela ótica da nossa brasilidade pós-colonial? Mais uma vez endossamos que Silviano Santiago, com seu laboral rito crítico-sinestésico nos levou a pensar dessa maneira, pois considerou em ambos os autores, questões não consideradas pela crítica de veia-moderna. Para além dessa preocupação, a maior delas é buscar, como o intelectual fez, (re)visitar obras e autores latino-americanos que massivamente foram qualificados por esteiras modernas de uma mesma ida, sem a volta, sem considerar-se o *bios*, os diversos *loci* a fronteira que grita sendo calada pelo crepúsculo mais gentil do mundo.

Propor que se deva *(des)britanizar*, ou seja, tecer a crítica de modo *outro*, precisa ser uma decisão, para nós, descolonial. Tempos atrás, por exemplo, tínhamos um Graciliano Ramos e um Machado de Assis, hoje temos possibilidades e assim é o que defendemos no desfecho deste diálogo, a prática contemporânea conceitual da *arquivivência*. A fortuna crítica de Silviano Santiago está fronteira(mente) consagrada na sociedade contemporânea e, certamente, conheceremos outros Brasis, outras fronteiras, quando aplicada fora, a forma-maneira da arquivivência pretendida e aqui praticada. A criticidade dessa vantagem sinestésica do pensamento de Silviano Santiago passou a ser possível após exumação de memórias que são aos textos apreciados por ele, dosadas milímetro a milímetro do corpos partícipes do processo:

Silviano Santiago decola para refazer a leitura de um trabalho entre corpos – quando me refiro às obras literárias exercitando essa sugestão motivadora de uma crítica comparatista não eurocêntrica. Silviano sensivelmente valora questões dos autores que comumente não se vê. Essa prática – inabilitada nas convenções eurocênicas – mostra compreensões que a arte literária consegue desnudar ao passo que edifica perspectivas outras na credibilidade do que lhe cabe enquanto ferramenta para se propagar a arte. Gosto da contemporaneidade e como pesquisador de um núcleo de pesquisa comparatista reitero que o contemporâneo, ou como gostam de chamar: movimento contemporâneo, não me faz pensar outra definição a não ser aquilo que está depois do agora – tempo-presente – e antes do futuro (VALE, NOLASCO, 2022, p. 512).

Percebendo que o eurocentrismo já não é o nosso fio-condutor epistemológico após eleger a prática descolonial, acrescentamos:

O fato é que – ao teorizar essas visadas motivadamente descoloniais – sentimos que o suor derramado parece ser as calorias eurocêntricas que pouco a pouco vamos deixando. Nessa contextualização crítico-sinestésica, digo ainda que este trabalho apresenta não um modelo – porque deles fugimos – mas uma sugestão para se edificar um produto científico que valore questões antes não valoradas. Eis a esteira contemporânea de se pensar que estamos depois do agora e antes do futuro. É preciso que subamos nessa esteira – epistemologicamente falando – para que as calóricas-teorizações que ainda habitam em nossos corpos – corpus – sejam subtraídas culturalmente se necessárias. Não no sentido de esquecer-las, até porque basta olhar as fotos que a estética-crítica nos demonstrará, nos registros, que carregávamos essas colorias cuja esteira crítica sempre estará à disposição para vislumbrarmos outras visadas e categorias científicas ainda não exploradas. Disse nas últimas considerações como Silviano Santiago aplica novas motivações, essas, pós-coloniais, gesto notório na forma-maneira de como descreve, ou melhor, percebe os autores analisados em sua grafia-da-vida (VALE; NOLASCO, 2022, p. 513).

Metáforas podem nos trazer indicativos, porém o arquivo exumado, praticado, revirado, lambido e sacudido, dar-nos-ão a prática da *arquivivência* nos entre-lugares da crítica literária Silviano Santiago hoje. O intelectual – certo de estar no exercício da esteira contemporânea – aplica posicionamentos que fogem a métrica – fossilizada – de pensar o texto como produto técnico, considerando, como fez com a obra de Graciliano Ramos e Machado de Assis em sua obra *Fisiologia da Composição 2020*, portanto, a voz e vez deste – o mais célebre crítico literário contemporâneo – está em vigor, já vigorada, perpetuada e um divisor *outro*, fronteiroço, periférico, latino-americano dos corpos, bios, *loci* das páginas da fortuna crítica literária brasileira nos entre-lugares da literatura contemporânea.

226

REFERÊNCIAS

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. Os estudos comparativos não são pensamento descolonizado: arte, cultura e produção de conhecimentos biogeográficos fronteiroços. Disponível em:< <https://revistascientificas.una.py/index.php/nemityra/article/view/2464>>. Acesso 01 jun. 2021.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. Poéticas de processos artísticos biogeográficos: modos outros de cartografar bio-sujeitos, geo-espacos, grafia-narrativas. *Cadernos de estudos culturais*, v. 1, n. 19, 2018.

DERRIDA, J. *Mal de arquivo*. Trad. de Cláudia de Moraes rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

GIULIANO, F. (2018). *¿Podemos pensar los no-europeos?*. Buenos Aires: Del signo. NEMITYRA: Revista Multilingüe de Lengua, Sociedad y Educación-Vol3-N2, p. 51, 2021.

MIGNOLO, W. (2008). Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. In: *Cadernos de Letras da UFF: Dossiê: Literatura, língua e identidade*, n.34, p. 287-324. Disponível em: www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/traducao.pdf – acessado em: 21/06/2022.

MIGNOLO, W. *Habitar la frontera: sentir y pensar la descolonialidad* (antología, 1999-1014) Barcelona: CIDOB, 2015.

MIGNOLO, W. *Histórias locais/Projetos globais*. Trad. de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo horizonte: Editora UFMG, 2003.

NOLASCO, Edgar César (org.). *A literatura comparada no brasil hoje*. Editora Pontes, 2022.

NOLASCO, Edgar César. Fronteira-Sul: O Arquivo da Exterioridade. *RELACult*-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, v. 5, 2019.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del Poder y Clasificación Social. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20140506032333/eje1-7.pdf>>. Acesso 21 jun. 2022.

SANTIAGO, Silviano. *Fisiologia da composição: gênese da obra literária e criação em Graciliano Ramos e Machado de Assis*. Recife: Cepe, 2020.

Leitura Crítica Recebida em 15 de agosto de 2021

Leitura Crítica Aceita em 12 de dezembro de 2021